

RODRIGO

*Relação ditada de Don Rodrigo Cervantes de la Noche,
escrivão, do Panamá, de León, de Sevilha, de Olinda e de
Goa, e de seu neto Pedro Diego Ortiz Cervantes*

M. A. Aybar

RODRIGO

© 2026 M. A. Aybar. Todos os direitos reservados.

Esta edição digital é oferecida sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Pode ser copiada e compartilhada sem alteração, com atribuição, somente para fins não comerciais. Não se permitem obras derivadas. Esta obra não pode ser usada para o treinamento de modelos de inteligência artificial. Todos os demais direitos, inclusive os de impressão, comerciais, de tradução, de áudio e de adaptação, ficam reservados. Ao baixar esta edição você aceita estes termos.

Direitos e permissões: rights@rodrigodelanoche.com

Edição digital 1.0, 2026

rodrigodelanoche.com

Para Alexander

*Recuperado do maço diocesano de León, na remessa de
1604. Uma conta guardada tal como ficou: aberta.*

PARTE I: O ESCRIVÃO NAS ÍNDIAS

Panamá, 1525–1531

MEU AVÔ EMBARCOU PARA AS Índias na primavera de 1525, aos vinte e cinco anos, já beirando os vinte e seis, com uma licença de escrevão que ainda cheirava à tinta do examinador e a cabeça cheia de ideias erradas sobre aquilo em que um homem se converte quando cruza um oceano; e como eu nunca o conheci senão velho, tive de reconstruir o moço andando para trás a partir do velho, como se reconstrói um fogo pela forma da sua cinza, e vou te dizendo com honestidade, leitor, pelo caminho, onde estou adivinhando. De uma coisa ele tinha certeza, e a dizia sem rodeios: que chegou acreditando que a lei era uma lâmpada que o homem leva aos lugares escuros do mundo, e que as Índias o foram curando dessa fé por etapas, com doçura no

princípio, e que a primeira etapa foi uma mula.

Desembarcou em Nombre de Dios num calor que o tomou pelos dois braços, como haveria de tomá-lo, onze anos mais tarde, outra costa; e o primeiro oficial da Igreja que conheceu no Novo Mundo foi um bispo metido até os joelhos na arrebentação, ao lado de uma mula que havia decidido, com a funda teimosia teológica da sua espécie, não se batizar mais adiante. O bispo era um homem pequeno e redondo, já grisalho, um franciscano alçado à mitra por uma política que nunca quis, e carregava o cargo como um casaco emprestado, dois números maior, sabendo que assim o carregava; e olhou para meu avô, o mais novo e o menor de quantos o navio havia posto em terra, e disse: «Tú, hijo». Tu, filho.

«Excelencia», disse meu avô.

«Sácame la mula del agua, y perdónala; en mi orden cada uno arreaba la suya, y nunca aprendí la maña de mandar que la arreen». Tira a mula da água para mim, e perdoa a ela: na minha ordem cada qual tocava a sua, e eu nunca aprendi a manha de mandar que a toquem.

Meu avô, que tinha uma licença nova em folha e o terno senso que um moço tem da própria dignidade, disse: «Excelencia, soy el escribano, no el mulero». Excelência, sou o escrivão, não o tropeiro.

E o bispo, sem se alterar, com a mansa exatidão de quem já viu o fundo da situação e o teu, disse: «Eres el hombre que más cerca está de la mula». Você é o homem que está mais perto da mula.

Entrou na água. Tirou a mula. E foi, ele me contou, a primeira frase inteiramente verdadeira que lhe disseram no Novo Mundo, e ela lhe ensinou, antes que o seu baú saísse da areia, o princípio que governaria os seis anos seguintes e, se ele fosse honesto, todos: que neste mundo o trabalho não é do homem a quem cabe o ofício, e sim do que está mais perto, e que boa parte do que chamamos dever não passa de vizinhança que deixou de pedir desculpa por sê-lo.

Vim a querer bem a esse bispo, através da distância de um século e de uma vida inteira de homem, mais do que a rigor o relato me pede, e creio que é porque ele foi, no contar do meu avô, o único príncipe da Igreja que sabia exatamente como lhe assentava mal o trono e abençoava as coisas assim mesmo, com humildade, como faz um homem aquilo que lhe mandaram e que não sabe fazer bem; e porque, nos seus últimos anos, as chuvas lhe levaram a voz e não a devolveram, de modo que o homem mais poderoso daquela província acabou sem poder dizer palavra, levando a sua metade da correspondência do mundo em letra caprichada numa mesa de escrever junto a uma janela, quer dizer, acabou sendo, a seu modo,

um escrivão; e meu avô, que lhe fechou as contas, nunca me falou daqueles meses mudos sem antes a longa pausa, e uma vez, uma só, com um olho úmido que não me explicou e que eu não lhe pedi que explicasse.

O Panamá naqueles anos eram quatro escrivães de preto e um calor que desmanchava a tinta, e desmanchava também os homens, e eu quero que ele tenha neste livro um corpo e não somente uma mão, então deixa que eu te dê o corpo que ele tinha aos vinte e seis: o país das febres se escreveu em cima dele no primeiro ano, uma brotoeja de sal na dobra de cada junta, as botas verdes de mofo numa semana, o casaco preto do ofício vestido como penitência ao meio-dia; aprendeu a fazer a barba à luz de candeia antes que o calor subisse, a comer quando Tomasa mandava e não quando tinha fome, a dormir a sesta como um homem da terra e a se envergonhar disso exatamente por um verão. Havia entre os quatro uma ordem de precedência tão exata e tão ciosamente guardada que meu avô supôs, sendo moço, que ela devia descansar sobre algum fundo alicerce de lei ou de saber; e aprendeu, no seu primeiro instrumento a sós, uma procuração às pressas para um genovês que tinha navio a tomar, que a ordem não descansava sobre nada disso, que o latim não tinha nada com aquilo, que toda a grave arquitetura de quem assinava acima de

quem não era senão o ordinário negócio humano de quem estava ali havia mais tempo e quem tinha casado com a prima de quem, vestido com as roupas da profissão; e também isso as Índias lhe ensinaram com doçura, quer dizer, deixando-lhe a dignidade enquanto lhe tiravam as ilusões, um instrumento limpo de cada vez.

E havia Tomasa, que governava a cozinha do bispo e antes governara a da catedral, e que deu de comer ao meu avô por nove anos, três mais do que ele serviu ao bispo, que cozinha é coisa que dura mais que ofício, a comida simples e quente de uma mulher que havia decidido, sem que ninguém lhe pedisse e sem anunciar, que aquele moço magro e sério de Castela era dela para manter vivo; e é aqui, na cozinha dela, no cheiro do cravo e do chocolate que ela não deixava um homem com febre recusar, que eu quero deixar o jovem Rodrigo um momento, antes que cheguem as mortes e a comédia do papagaio e a longa educação do seu coração, porque é um dos poucos cômodos da vida inteira dele em que posso pô-lo e saber que ali estive, por aquela hora, simplesmente agasalhado, simplesmente alimentado, simplesmente moço, e ainda não o homem que haveria de precisar de perdão.

* * *

A comédia daqueles anos, e havia comédia de verdade neles, da que faz rir e é ao mesmo tempo certa, juntou-se em torno de um papagaio e de um dominicano; e eu contei o caso aos meus filhos tantas vezes que minha mulher diz que já lhe gastei as penas, mas vou contá-lo mais uma vez, em ordem, porque meu avô sustentava que quem não sabe achar a comédia na Igreja ainda não esteve perto dela o bastante para amá-la.

Havia na catedral um papagaio, um papagaio-campeiro de cabeça amarela, dos que vivem oitenta anos e sobrevivem a todos os que lhes ensinam alguma coisa, e Tomasa lhe havia dado, ao longo de nove anos de tardes de cozinha, umas oitenta palavras de castelhano, a maior parte nomes de santos e de peixes e de verduras, porque dessas palavras eram feitos os seus dias. E havia frei Honorato de Briviesca, dominicano de San Esteban, segundo filho de uma casa menor de sangue real da Velha Castela, quer dizer, homem de excelente sangue e nenhuma terra, nem título nem dinheiro, tendo as três coisas ido por morgadio a um irmão mais velho que ele nomeava em toda conversa só para pôr-se acima dos presentes; homem de um refinamento tão completo e tão desperdiçado naquela costa que se lhe azedou num agravo permanente contra a criação inteira por não estar à sua altura. Tinha um amor grande e particular, que eram os

camarones al ajillo, os camarões de sexta-feira, e não conseguia deixar em paz o modo como a cozinha os fazia: o alho no ponto justo, nem cru nem queimado; o camarão do barco da manhã e não do da tarde; a salsa picada e nunca rasgada. Inspeccionava a cozinha de Tomasa toda sexta-feira com o ar de quem concede um favor a um mundo agradecido.

Tomasa aguentou três semanas. Na quarta, deu ao papagaio a frase que a cozinha inteira vinha dizendo pelas costas do frade, no cantarolado de uma banca de mercado de Sevilha: «Fray Honorato, bueno, bonito y barato». Bom, bonito e barato. O bicho decorou-a num dia, e como as duas coisas lhe entraram na cabeça na mesma semana, casou para sempre a rima com os camarões, de sorte que dali em diante, à vista de qualquer dominicano ou ao cheiro de qualquer alho, anunciava, à antecâmara, ao cabido, ao próprio Deus: «Fray Honorato. Bueno, bonito y barato. Los camarones al ajillo. El ajo justo».

Honorato exigiu um julgamento. Exigiu-o na sala capitular, em forma, e aqui está a parte que meu avô amava e me fez anotar duas vezes: que o frade, dada a palavra, soltou um silogismo de quarenta minutos sobre se uma criatura carente de alma racional que no entanto parece falar, e falar blasfêmia, incorre na culpa de quem fala com entendimento; uma questão de fato sutil, ele a levantou com beleza, Aquino fiada so-

bre fiada, e era, dizia meu avô, com toda a probabilidade a mente mais fina em mil léguas ao redor, e de nada lhe serviu, porque quando terminou, e o cabido ficou atordoado sob o peso do seu latim, o bispo mandou trazer o papagaio no pulso de Tomasa, como havia ordenado, para que o réu estivesse presente à sua própria causa; e o bicho, que havia calado os quarenta minutos inteiros, inclinou a cabeça para o frade e disse, no castelhano de cozinha de Tomasa: «Fray Honorato. Bueno, bonito y barato», e toda a questão das almas e da imitação e da culpa ficou respondida, não pela resposta mas pelo riso, porque o bispo riu. Uma vez. Um só latido de riso, recolhido em seguida atrás da mão episcopal, porque riso em sala capitular é racionado; e julgou a favor do papagaio, e o papagaio voltou à cozinha no pulso de Tomasa, e meu avô lavrou a ata, e entendeu, lavrando-a, que acabava de deixar registrada a coisa mais verdadeira que a Igreja fez nos seus seis anos ali, que foi ser motivo de riso, uma vez, do seu próprio bispo, e sobreviver a isso, e deixar o bicho viver. Honorato nunca perdoou o papagaio e nunca deixou de pedir os camarões, e há algo nisso, dizia meu avô, que é tudo o que somos: que seguimos amando o que zomba de nós, à mesa, às sextas-feiras, e chamamos a isso apetite.

Mas as Índias não deixavam muito tempo um moço no país da comédia, e na primavera seguinte levaram-no através da fronteira ao outro país e ali o retiveram quinze dias. A febre subiu dos portos do lago em março de 1529, e pela terceira semana a igreja enterrava três por dia, e meu avô, na sua qualidade oficial, redigiu nove instrumentos de morte em nove tardes, e eu quero nomeá-los como ele os nomeou para mim, devagar, porque ele dizia que o nomear foi o único funeral que alguns tiveram. Uma viúva sevilhana de quarenta anos. A cozinheira dela, uma mulher nicarau de uns trinta que a casa chamava Mariana, cujo nome nicarau meu avô assentou na ata por indicação da mãe dela, na soleira, porque uma mulher deve entrar na terra sob o nome com que a mãe a chamava e não sob o que uma casa achou cômodo. Um escrevente genovês de vinte e quatro. Um noviço franciscano de dezenove cuja mãe, em Sevilha, não acreditou até o março seguinte. Um estivador cujos três filhos entrariam na cozinha do governador como aprendizes de Tomasa. Um padeiro cujos fornos a viúva trabalharia para os dotes das filhas. Um escrevente do alcaide. E duas crianças, uma menina de sete e o irmão de quatro, cujos pais tinham ido embora na semana anterior, e cujos enterros meu avô conduziu ele mesmo, e pagou ele mesmo da taxa paroquial, e registrou sem cobrar, pelo princípio, que

fez naquela quinzena e guardou pelo resto da vida, de que o enterro de uma criança cujos pais já estão na terra é o único instrumento que um escrivão assina de graça.

Não houve sepultura marcada para Mariana, e ele não pôde fazer uma, mas talhou para ela uma cruz de mogno, mal, com uma faca emprestada, ao longo de três tardes, obra de um homem que nunca havia talhado nada e nunca mais talharia nada, e a fincou onde lhe disseram que ela jazia; e quarenta anos depois era o talhar daquela cruz, e não as nove atas, o que ele não conseguia me contar sem parar no meio.

E havia o filho dela. Tinha quinze anos na morte da mãe, e o rol da paróquia o tinha por Pedro e a cozinha da mãe o chamava Yutey, e ele respondia pelos dois, nas duas portas, e não hesitava em nenhuma; e quando meu avô foi, na semana depois do enterro, assentá-lo na lista paroquial dos sobreviventes da febre e lhe perguntou que nome escrever, o menino disse: «Don Rodrigo. Pedro en la calle. Yutey en la cocina. Lo mismo que con mi madre. Si me pone usted los dos en el papel, los dos están bien». Pedro na rua. Yutey na cozinha. O mesmo que com minha mãe. Se o senhor puser os dois no papel, os dois estão certos. E meu avô pôs os dois no papel, e me disse, quase quarenta anos depois, que foi a primeira vez que lhe ocorreu que um documento podia ser feito

para sustentar duas verdades ao mesmo tempo sem escolher entre elas, e que passou o resto da vida tentando construir um livro que fizesse o que um menino de quinze anos, no seu luto, havia pedido a uma lista.

A nona ata ele escreveu na véspera, e na manhã seguinte, antes do calor, desceu ao lago Xolotlán e sentou-se no banco de madeira da ponta sul do cais de pesca, o que o capitão do porto mantinha ali para qualquer oficial que quisesse olhar a água sem que lhe falassem, e ficou sentado das dez da manhã até a primeira luz do dia seguinte. Não dormiu e não rezou e não pensou de nenhum modo ordenado. Carregou, ao longo daquelas horas, a aritmética de um homem de vinte e nove anos com nove instrumentos de morte na pasta de uma só quinzena, e em algum ponto do escuro compreendeu o que levaria trinta e sete anos para caber numa frase, e que por fim me diria àquela mesa: que as nove atas tinham sido obra da sua própria mão, e que a obra da sua própria mão era o único registro honesto que aquelas nove casas guardariam da partida, e que isso, e não a lei e não a lâmpada que ele acreditara levar ao escuro, era todo o ofício do escritor: ser o que fica no banco até a primeira luz e deixa escrito que estiveram aqui, e que se foram, e que os chorou, ao menos, o homem que assinou a página.

A mãe lhe havia dado, antes da lei, um modo de escrever. Era das ilhas, levada a Sevilha nos transportes da geração do avô dele, e lhe havia ensinado em menino que qualquer som que um homem possa fazer se pode assentar, se quem escreve consentir em dobrar as letras ao som e não o som às letras, que é o contrário do que as escolas quiseram depois, e não conseguiram, tirar-lhe a golpes. De modo que quando um mercador mexica, retido três dias no embarcadouro do lago por um pleito de carga, lhe ensinou uma única frase no fecho do negócio do segundo dia, meu avô a assentou como a mãe lhe havia ensinado, numa ortografia de invenção própria da qual não sobrevive chave, na margem direita do vocabulário de cozinha que mantinha com Tomasa, no verbete duzentos e quarenta e sete; e ali segue, uma frase que ninguém hoje vivo sabe ler, e eu a deixei sem ler, porque é o monumento mais verdadeiro que ele deixou à mulher que o fez, sendo ela mesma agora uma frase que ninguém sabe ler, e ele quis assim, e eu não traduzo o que ele escolheu não traduzir.

Foi o inverno em que a febre tocou também nele, de leve, e Tomasa, que a viu chegar no jeito dos olhos dele à ceia, tinha o chocolate pronto às cinco e meia com o cravo e o mel que a própria mãe lhe ensinara, e o pôs diante dele sem uma palavra, e sentou-se do outro lado da mesa até que ele bebesse, e tornou a

encher, e ele bebeu o segundo, e a febre quebrou na terceira noite. Ele disse depois que aprendeu mais teologia de Tomasa não deixando um homem recusar uma xícara do que de todo o latim de frei Honorato, porque a dela era a teologia da cozinha, que sustenta que a resposta à morte não é um argumento e sim uma xícara, posta na tua frente, e posta outra vez, até que bebas.

* * *

Pedrarias Dávila morreu à primeira luz do dia seis de março de 1531, quatro dias depois de completar noventa e um anos, agarrado à bengala que agarrara ao longo de uma longa vida de fazer outros homens agarrarem as suas, e meu avô levantou o inventário da casa-grande no mesmo dia, na mesma letra que usara para a viúva e o padeiro e as duas crianças, com a única diferença de que este era o instrumento do homem que havia assinado o papel que primeiro o pôs naquele país. O funeral coube a frei Honorato, quarenta e cinco minutos de latim sobre um homem que em vida não entendera nada daquilo e que morto de nada daquilo precisava, e o corpo foi para a cripta, e Tomasa ficou no fundo, e naquela noite, sobre a panela na cozinha esvaziada, disse a coisa que meu avô carregou dobrada no bolso do peito por trinta e quatro anos. Disse-a olhando a panela e não a ele. «Don Ro-

drigo. Pedrarias está enterrado, y bien enterrado, que buena falta le hacía el descanso al pobre. Yo he cocinado para gobernadores y para estibadores y para el niño que se murió el martes en la casa de la esquina, y a todos les da el mismo hambre a las siete, y a todos se les enfría la olla igual si nadie la atiza. Yo lo supe el día que enterré al mío, que tenía la edad de la niña de la esquina, y volví a la cocina esa misma noche, porque los otros seguían teniendo hambre y el hambre no espera al luto. La cocina sigue. La cocina siempre sigue. Coma usted el pan». Pedrarias está enterrado, e bem enterrado, que boa falta fazia o descanso ao pobre; ela havia cozinhado para governadores e para estivadores e para o menino que morreu na terça-feira na casa da esquina, e a todos dá a mesma fome às sete, e para todos a panela esfria igual se ninguém atiza o fogo; ela soube disso no dia em que enterrou o seu, que tinha a idade da menina da esquina, e voltou à cozinha naquela mesma noite, porque os outros continuavam com fome e a fome não espera o luto. A cozinha continua. A cozinha sempre continua. Coma o senhor o pão. E meu avô, que achava palavra para qualquer coisa, não achou nenhuma para aquilo, e comeu o pão, e guardou a frase.

Ele havia encomendado, naquela mesma estação, uma arca de cedro de Honduras a Esteban Ruiz, marceneiro sevilhano ido ao Panamá por via de todos os

portos por onde um homem vai, com uma fechadura de que Ruiz se orgulhava e que não sabia que se abria com gazua, e nela meu avô pôs as três cartas que mandava para casa, para Sevilha, e viu sair do porto a arca que as levava, com a filha de quatro anos esperando na outra ponta do mar; e aprendeu, naquela manhã no cais, de pé com os papéis todos em ordem e os assuntos todos arranjados, que um homem pode ser a pessoa mais bem preparada de um porto e ainda assim a pior informada, porque a única coisa que ele não havia arranjado, que nem sequer soubera que devia arranjar, era que ele não iria no navio, que a despedida que representava tão corretamente não seria seguida de partida nenhuma, que daria as costas ao cais e compraria um terreno para um armazém e diria a si mesmo que era questão de meses, e que os meses seriam anos, e os anos o levariam a outra costa e a outro engenho e a outra mulher e de volta, e que a menina seria uma mulher feita numa soleira antes que ele cruzasse aquela água.

* * *

E havia o bispo, no final. As chuvas de 1530 lhe haviam levado a voz e não a devolveram, e o homem mais poderoso da província levava a sua metade da correspondência do mundo em letra caprichada na mesa de escrever junto à janela, um homem de ora-

ção feito mudo, coisa de que meu avô nunca pôde falar sem antes a longa pausa. Fechou as contas do bispo na primavera de 1531, cento e quarenta e oito registros ao longo de onze anos, e entregou o resumo no quarto de cima, e o bispo o leu inteiro em silêncio, e assentiu uma vez, e o pousou sobre a mesa. Então o bispo escreveu, pela própria mão, mudo, na postura ereta de um homem que perdeu a voz e não a mão, a carta de despedida do seu escrivão, e a secou e a dobrou e a selou e a pôs nas mãos do meu avô, e o abraçou, o abraço cuidadoso de um homem de sessenta e três anos que chegou, ao longo de seis, a contar um escrevente como o segundo dos três homens em que se apoiava, sendo o primeiro o seu velho vigário, ido no ano anterior, e o terceiro Deus, e que sabe que o segundo agora vai atrás do primeiro. E meu avô foi para casa e escreveu uma segunda despedida, para si mesmo, três páginas, que nunca leu em voz alta a ninguém e que viajaria na sua pasta até um quarto de Salamanca trinta e quatro anos depois, onde ele a tiraria na terceira quarta-feira, e nem então a leria em voz alta, e diria somente: «Pedrito. Hay cartas que el escribano se escribe a sí mismo y no se leen en voz alta. Ésta es una». Há cartas que o escrivão escreve a si mesmo e que não se leem em voz alta. Esta é uma. E a dobrou e tornou a guardá-la, e eu nunca soube o que dizia, e fiz as pazes com não sa-

ber, que é a primeira das muitas pazes que este livro me pediu para fazer.

PARTE II: A CASA DE SEVILHA

Sevilha, 1535–1536

VOLTOU CRUZANDO A ÁGUA NO outono de 1535, com trinta e seis anos, um armazém vazio às costas no Panamá e adiante uma dívida que ainda não conhecia, e tomou de novo o quarto alto da calle del Aire que doña Felisa mantinha, ela que classificava os hóspedes numa taxonomia particular e o havia passado, estando ele fora, ao segundo posto, reservado, disse-lhe sem dureza, aos homens que perderam duas vezes e não se queixam, que cozinham em silêncio e comem em silêncio e pagam em dia. E foi para ele, dizia meu avô, um raro consolo ser classificado assim, porque era exato, e a exatidão era a única certeza que o mundo a ele oferecia. E Catarina descendeu Salamanca com a tia Mencía na segunda semana de outubro, com oito anos, e eu preciso contar o abraço, porque ele é a ferida que o

livro inteiro não para de apertar para ver se ainda sangra, e sempre sangra. Ela havia atravessado quatro dias de estrada de posta, ele soube depois, decidindo o que era um pai, e havia resolvido, com a terrível economia de uma criança: um pai é um homem sem nada nas mãos. Mencía lhe havia dito, no coche, que não se deixasse abraçar até abraçar primeiro, para que não lhe fizessem nada que ela não tivesse escolhido; e assim Catalina subiu a escada e olhou primeiro as mãos dele, para ver que estavam vazias, e só então o rosto, e disse: «Padre. Aquí estoy. Soy Catalina. Tía Mencía dice que no la abrace usted hasta que yo le abrace primero, para no sobresaltarme». Pai, aqui estou, sou Catalina; a tia Mencía diz que o senhor não me abrace até que eu o abrace primeiro, para eu não me assustar. E houve uma pausa, ele dizia, do comprimento exato de uma criança pequena fazendo contas, e então ela disse: «Yo le abrazo ahora. Es el primero». Eu o abraço agora. É o primeiro. E começou, naquela frase, sem que nenhum dos dois entendesse até anos depois, a conta que ela levaria a vida inteira, o livro posto contra o livro dele, a soma dos abraços que um pai e uma filha não se deram através de um oceano e que já não poderiam dar-se, de modo que, dos dois contadores da minha família, foi a de oito anos quem levou o livro mais verdadeiro. Eu tenho quatro filhos. Nunca consegui, nem uma vez, ler

para eles em voz alta essa frase dela sem parar no meio, e desisti de fingir que o parar seja outra coisa que não o que é.

Das duzentas e três cartas do crescer dela que saíram para ele através da água, tenho uma, porque ele a guardou dobrada dentro do Erasmo com as poucas coisas que não podia levar soltas, e vou dá-la inteira, porque o revezamento foi para mim uma abstração até que a letra de menina da minha mãe o tornou uma faca. É do sétimo ano dela, quando ele ainda estava no Panamá. «Padre. La tía dice que el mar tiene otro lado y que usted está en él. Yo no lo creo. Yo fui a mirar el mar en Sanlúcar con la tía y no se ve ningún lado. Si tiene otro lado, escíbame qué se ve desde allí. Aquí se ve el agua y luego nada. Su hija, Catalina, que ya sabe las cuatro reglas». Pai: a tia diz que o mar tem outro lado e que o senhor está nele. Eu não acredito. Fui olhar o mar em Sanlúcar com a tia e não se vê lado nenhum. Se tem outro lado, me escreva o que se vê de lá. Daqui se vê a água e depois nada. Sua filha, Catalina, que já sabe as quatro operações. Ele respondeu, me disse, com três páginas sobre o que se via do outro lado, os pelicanos e a água verde e a mula de um bispo; e me disse também que cada palavra das três páginas era verdade e que a carta foi, ainda assim, a grande mentira da sua vida, porque o que de fato se via do outro lado era o armazém, e os meses

virando anos, e isso ele não escreveu.

A Mencía eu preciso chegar com cuidado, porque assim chegou ele, e porque ela é a dobradiça de uma porta que ele manteve fechada cinquenta anos e abriu, no fim, só a largura de uma carta. Era prima de Beatriz, e guardava Catalina na casa da calle de Toro desde que a menina tinha quatro anos, e ela e doña Margarita levavam entre as duas o revezamento que carregou, através dos anos, o crescer inteiro da filha, duzentas e três cartas num sentido e cento e noventa e nove no outro. Naquele novembro de 1535 ela lhe escreveu sete páginas, e eu não as reproduzo, porque eram a forma privada de duas primas que não se viam desde 1518 e nunca mais se veriam, e porque o último parágrafo dizia a coisa para a qual não existe segundo dizer. Mas posso te dizer de onde veio aquele parágrafo, porque ele me contou, à mesa, com o gato dormindo e a candeia baixa, na única confidência que me fez jurar guardar com doçura.

Ele havia conhecido Mencía antes de conhecer sequer Beatriz. Foi em Salamanca, no verão de 1516, ela com vinte e sete anos e ele com dezessete, e por quatro meses ela foi para ele o que uma mulher mais velha que ri exatamente do que se deve rir é para um rapaz de dezessete: uma cascata, dizia ele, água que cai veloz e clara e sem esforço, e que se ouve do outro extremo da casa; e ela falava como caía aquela água,

três coisas para cada uma que ele conseguia, e as três melhores. Não foi prudente e não foi longo e não foi culpa de ninguém quando acabou naquele outono, do modo bondoso e calado como acabam as coisas que nenhum dos dois ainda pode carregar; e no ano seguinte ela o levou em casa para conhecer a prima Beatriz, que falava pouco e bem, e com Beatriz ele se casou, e a Mencía não tornou a ver, porque as duas primas, por razões que eram delas e que este livro não vai sair procurando, não tornaram a ver-se. Eu me perguntei se Beatriz soube algum dia, e decidi que uma mulher que falava pouco e bem sabe tudo, e que o silêncio dela a respeito foi o lançamento maior e menos legível da conta inteira. E aqui está o que meu avô me fez entender, a distinção sobre a qual girava o coração dele inteiro: que Mencía era a água que se ouve do outro extremo da casa, e Beatriz a água que não faz ruído porque é a casa; que uma era a primeira doçura e a outra a funda; que não se compararam e nunca lhes pediram que se comparassem; e que ele teve a fortuna, e a desdita, de ter conhecido as duas, e de ter enterrado a segunda, no outono de 1528, em León da Nicarágua, sob um silêncio que este livro honrou e seguirá honrando, porque a omissão é o registro, e há águas que não se nomeiam.

Havia também a outra Sevilha, a ruidosa e acesa, e ela se reunia às quartas-feiras à noite na mesa do canto e depois na mesa comprida do Banco Anselmi, e eu te dou essa Sevilha como meu avô a deu a mim, como um quarteto, porque ele dizia que um homem daquela cidade não se entendia nunca sozinho, só ouvindo-o contra os outros. Don Sancho Anselmi sentava-se à cabeceira e conduzia a conversa como conduzia uma conta, abrindo pelo lançamento maior e fechando-o antes que pudesse custar-lhe, o chocolate subindo e descendo ao seu cotovelo, xícara após xícara, enquanto aos convidados o madeira se servia uma vez e não se tornava a encher; e havia aberto ao meu avô mil ducados contra nada além do homem, pelo raciocínio, que enunciou uma vez e nunca amoleceu, de que homem que pagava no Panamá pagaria em Sevilha, «y la regla es la regla», e a regra é a regra, e havia se inclinado sobre o segundo madeira para dar ao meu avô o único artigo de fé que jamais assentou em livro algum: «Un banco, Don Rodrigo, es como el pulpo: muchos brazos, un solo estómago, y tinta de sobra para enturbiar el agua cuando conviene». Um banco é como o polvo: muitos braços, um só estômago, e tinta de sobra para turvar a água quando convém. Ao pé da mesa, doña Margarita fumava o tabaco das Índias que só ela se permitia naquela cidade e governava a fumaça com o leque como um juiz governa

uma sala, afastando-a dos homens de quem gostava e deixando-a derivar, com um descuido que não era descuido nenhum, para os que havia medido e achado curtos; e quando um feitor genovês gabou o próprio plano pela terceira vez, fechou o leque com um estalo que na gramática dela era veredicto e disse, com toda a cortesia do mundo e nenhuma piedade: «Señor, un negocio que se explica tres veces es que no se sostiene una». Negócio que se explica três vezes, senhor, é negócio que não se sustenta uma. E à direita de Don Sancho sentava-se Antonio Lourenço, que desfazia cada número que a mesa produzia e o devolvia a pessoa, «Menino», dizia ele, a Anselmi, ao meu avô, à sala, «el precio no sube ni baja, sube y baja el hombre», o preço não sobe nem desce, quem sobe e desce é o homem, e era, dizia meu avô, o homem mais sábio que ele amou na vida e o único que não foi, nem uma vez em trinta anos, cruel; de sorte que, entre Anselmi que contava e Antonio que chorava e Margarita que julgava, meu avô sentava-se e ficava quieto e ordenava a mesa por dentro como ordenava um protocolo, e aprendia a cidade, quer dizer, aprendia que uma mesa é uma pequena orquestra e que um homem é o instrumento que não consegue deixar de ser.

E a mesa cuidava do mundo além do cais, e foi ali que meu avô aprendeu o tamanho da máquina de que

era um parafuso. Ali ouviu discutirem as finanças do Imperador como Tomasa discutia uma panela, praticamente, sem reverência: que a prata subia o rio até Sevilha e era alemã antes de secar, empenhada aos banqueiros de Augsburg contra empréstimos já gastos; que a Coroa tomava emprestado contra frotas ainda não construídas, safras ainda não crescidas, almas ainda não batizadas; e Anselmi dava uma batidinha na mesa e observava que o maior devedor da cristandade devia ao maior prestador da cristandade, «y la regla es la regla, también para el César», e a regra é a regra, também para o César; e Margarita, através da sua fumaça, deu o veredicto que meu avô chamou a frase mais verdadeira de filosofia política que ouviu numa mesa em toda a vida: «El imperio, señores, es un negocio que se explica tres veces». O império, senhores, é um negócio que se explica três vezes. A mesa riu; Antonio, não; e quando meu avô lhe perguntou depois, na escada, por que não havia rido, Antonio disse: «Menino, porque en la tercera explicación siempre hay un hombre con un hacha». Porque na terceira explicação há sempre um homem com um machado. Meu avô anotou isso naquela mesma noite, sem saber ainda que passaria cinco anos da vida dentro da terceira explicação, ao alcance do prego de que pendia o machado.

E foi naquela mesa, na primavera de 1536, que se concebeu o pau-brasil, trazido a ela por um sócio chamado Aníbal Mendieta, que confiava na própria aritmética como outros homens confiam na própria salvação, e cuja aritmética era bela; e meu avô, que via que a beleza era real e a empresa estava condenada e que ele a assinaria mesmo assim, porque precisava dela mais do que ela dele, escreveu a si mesmo uma carta na véspera de embarcar e a dobrou dentro do Erasmão que levava, e não tornou a lê-la por trinta anos. Aquilo em que a empresa o converteu é a Parte III, e vou contá-la como ele a contou a mim, primeiro e mais vezes que tudo, do jeito que a gente aperta primeiro onde dói. Mas ele embarcou para ela desta mesa e desta cidade e desta filha e desta porta fechada, e um homem deve ser visto partindo agasalhado e rodeado antes que o sigam para dentro do calor, para que você sinta, como eu nunca deixei de sentir, a distância exata da queda.

PARTE III: O ENGENHO

Olinda e Espírito Santo, 1536–1541

DE TODOS OS ANOS QUE meu avô foi assentando para mim ao longo daquelas oitenta e seis tardes de quarta-feira, foram os do Brasil aqueles a que ele mais voltava e em que mais devagar entrava, como volta um homem ao único cômodo de uma casa da qual nunca acabou de sair; então deixa que eu te leve a eles como ele me levou, não pelo livro de contas, que veio depois e fez a sua mentira dizendo a verdade, mas pelo cheiro, que veio primeiro e nunca mais foi embora: o bafo de açúcar queimado que pairava sobre o engenho do Espírito Santo, o engenho e o mundo inteiro que o alimentava, como um segundo clima, doce para além da doçura, espesso de dar para um homem se encostar nele.

Desembarcou em Olinda em maio de 1536, num calor que mais que cair sobre ele o tomou pelos dois

braços, e Don Cristóvão, da linha dos Pereira Coutinho, abraçou-o antes que ele dissesse palavra, com aquela larga calidez portuguesa que eu vim a entender que era a calidez de um homem que já decidiu quanto você vale para ele e só espera, com agrado, que você o alcance. «Bem-vindo, bem-vindo», disse, «à melhor terra que Deus fez e o diabo administra», rindo como se a frase fosse nova; e atrás dele, sem rir, sem se mover, estava o homem tupinambá a quem os Coutinho chamavam seu guia e que chamava a si mesmo, quando queria, Aimoré, olhando meu avô com a atenção plana e sem pressa de quem mede exatamente quanto tempo um hóspede pretende ficar.

O engenho não se anunciava como crueldade; essa foi a primeira coisa, e a que ele entendeu tarde demais, que o engenho se anunciava como trabalho, como indústria, como o bom e razoável converter de cana verde em dinheiro branco, e que a crueldade não era um desvio do trabalho e sim a sua roda-mestra, como o fogo não é um defeito da lâmpada e sim todo o seu propósito. Havia uma mulher, e ele me deu o nome dela antes de me dar qualquer outra coisa daquele lugar, como se o nome fosse uma dívida que pagava atrasado: Inhaia, que alimentava os rolos da moenda no turno da noite porque tinha as mãos rápidas, e os rolos não tinham piedade com as lentas. Junto deles, num prego, pendia um machado, e ele pen-

dia em todo engenho daquele país por uma só razão, que os feitores lhe explicaram na primeira noite com o orgulho dos homens práticos explicando uma ferramenta sensata: que quando os rolos tomavam uma mão, a mão não voltava, e ao braço seguia a mão, e ao ombro o braço, e a pessoa inteira era puxada e moída, cana e sangue juntos, a menos que alguém por perto fosse rápido o bastante para descer o machado e cortar o braço no cotovelo antes que a moenda levasse o resto. O machado era a misericórdia. Essa foi a coisa que ele nunca conseguiu atravessar, quarenta anos depois, num quarto morno de Salamanca com um gato dormindo junto ao tinteiro: não os rolos, mas que naquele lugar o machado fosse a misericórdia; e ele o viu ser usado, uma vez, na sua segunda semana, e por trinta anos guardou esse ver dobrado em meia frase, e no segundo ano das quartas-feiras o desdobrou, e o fez uma noite, e me fez escrever a noite.

Ele tinha ouvido o canto na primeira semana e o tomou por costume, como um homem novo toma por costume tudo o que não entende. Havia um canto nos rolos do turno da noite, baixo, antifonal, uma voz lançando o verso e as outras devolvendo, hora após hora, e ele não cessava enquanto a moenda girasse; e foi Cristóvão quem lhe explicou, à ceia, com vinho, na voz agradável de um homem mostrando a

um hóspede a engenhosidade da sua casa: «Cantam para guardar as mãos, Don Rodrigo. A mão entra na linha e sai na resposta. Quem guarda a cantiga guarda as mãos. É a segurança mais barata do mundo, e ainda por cima canta». E meu avô disse que daquela ceia em diante nunca mais pôde ouvir gente cantando, em parte alguma, numa igreja, numa cozinha, num casamento, sem escutar a máquina por baixo.

E numa noite da sua segunda semana o canto vacilou. Tinham posto naquela tarde uma mulher nova na segunda boca, e o nome dela era Potira, e o verso chegou a ela e ela estava cansada daquele cansaço que fica fora do alcance do canto, e devolveu tarde, meio fôlego tarde, não mais; e os rolos, que não sabiam nada, a quem nunca ninguém ensinou nada, tomaram-lhe a mão direita com a mesma indiferença com que tomavam a cana. Meu avô estava na porta com a candeia e o livro. Viu o homem mais velho do turno, um homem cujo próprio braço esquerdo terminava no pulso, deixar o posto sem pressa, como se move um homem que já fez uma coisa duas vezes na vida e esperava morrer antes de fazê-la uma terceira, e descer o machado do prego, e golpear uma vez, no coto-velo, exato; e depois descer com ela à cana moída e segurá-la, enquanto outros dois amarravam o braço com uma tira rasgada da própria camisa dela; e os rolos não pararam, porque moenda que para na safra é

dinheiro queimando, e o canto voltou, ele disse, antes que o sangue fosse coberto de areia. Tinha de voltar. Havia outras mãos na linha. Ele ficou na porta e não desviou os olhos, e me fez assentar que o não desviar os olhos não foi coragem, que ele não teria conseguido se mover nem que a moenda inteira pegasse fogo, e que não há nisso crédito nenhum.

Na manhã seguinte abriu o livro e lançou a noite contra a conta, em letra clara e redonda, uma mulher, diminuída em seu valor; e o lançamento não pedia o nome dela, e ele não o deu, e este livro, que não é o dele, é o primeiro dos livros dele a guardá-lo: Potira. Ele achou as palavras naquela manhã, porque sempre achava as palavras, e as palavras eram o pecado.

Preciso contar isto devagar, porque ele contou devagar, e porque passei a maior parte da minha vida decidindo se um homem que deixa uma coisa escrita fica absolvido pela escrita ou mais fundamentalmente condenado por ela, e não decidi, e já não acredito que a conta tenha sido feita para me deixar decidir.

* * *

E no entanto, na mesma estação, no mesmo calor úmido que não quebrava, três léguas costa abaixo, em Olinda, havia Dona Violetta, viúva do feitor dos Coutinho, e isso eu também preciso contar, porque um livro que te desse só o engenho e não a viúva es-

taria te dizendo uma mentira sobre o que é um homem, que é que um homem nunca é uma coisa só. Ele chegou a ela pela primeira vez como um escrivão chega a um luto, com um documento na mão, para ler-lhe em voz alta a carta que o marido ditara na última manhã da vida, porque ela tinha dito à casa, e dizia a sério, que não podia abri-la sozinha. Quando ele terminou, ela não chorou como ele se preparara para ver; disse somente: «Outra vez», e ele leu outra vez, e outra, quatro vezes ao longo da tarde que caía, até que as palavras deixaram de ser as do marido e viraram clima no quarto, e a distância que uma viúva e um viúvo devem guardar tinha se adelgaçado à espessura da folha entre os dois, e nenhum dos dois lia mais.

Cavalgava até ela depois daquilo, as três léguas do Espírito Santo a Olinda, quase sempre de noite, e eu quero que você cavalgue essas léguas com ele, leitor, porque ele me fez cavalgá-las no contar, todas as vezes. Durante a primeira légua a fumaça da cana ia com ele, na roupa e no cabelo, cheiro da aritmética do dia, de Inhaia e do machado e das caldeiras; depois o caminho dobrava para o mar e o vento ia desfiando a fumaça fio a fio, até que mandava o sal, fresco, salobro, vivo; e lá pela terceira légua, quando o povoado branco se erguia, entrava por baixo do sal outro fio, o jasmim que ela criava contra a taipa do pátio, em po-

tes de barro, porque lhe lembrava um país que não veria mais. De modo que o próprio caminho fazia o traslado, da crueldade à ternura por via do mar, e ele nunca fez aquela cavalgada sem sentir a légua exata em que deixava de ser o homem do livro e virava o homem que ela esperava. O que saiu daquelas noites ele não me deixou contar pela minha própria mão, e fez bem em me deter; então aqui eu lhe dei a pena.

Ela me despiu devagar e sem timidez, como se toma o que já se decidiu que é teu, e depois a própria camisa passou-lhe pela cabeça num só gesto e ela estava inteira à luz da candeia, os seios pesados e de bico escuro de uma mulher que amamentou e enterrou, a cinta macia do ventre que ela não escondia e que eu não teria deixado esconder, e desceu sobre mim na cama larga e baixa com o mosquiteiro mexendo ao redor como água remexida. Tomou-me na mão e me guiou, sem pressa, olhando o meu rosto, e então estava sobre mim e eu estava dentro dela até a raiz numa descida longa e lenta que tirou o fôlego dos dois, e ela parou ali, de olhos fechados, as coxas apertadas, e então começou a mover-se, e o suor subiu entre nós e correu, e eu pus as mãos na grande curva morna dos quadris dela e a deixei marcar o passo, que era o passo de uma mulher que tem a noite inteira e pretende usá-la; e a costa entrou no quarto, o jasmim e, ainda, por baixo, a fumaça de cana com que eu tinha chegado cavalgando, de sorte que mesmo no mais alto dela, mesmo com a respiração dela rouca e as

unhas dela fincadas no meu peito e o meu próprio fim subindo em mim como fogo por um pavio, eu respirava os dois juntos e não conseguia soltar um do outro. Quando rompi foi com um grito que eu não sabia que trazia dentro, e ela o cavalgou até o fim, lenta e inteira, e não parou enquanto não tomou o seu, estremecendo sobre mim com o rosto no meu pescoço, e ficamos ali soldados, o coração dela contra as minhas costelas, respirando um só ar trançado. Deus me perdoe, eu não pensei na moenda. Essa é a confissão debaixo da confissão: não que pequei na cama dela, que pecado não foi, mas que a cama dela era o único lugar daquele país onde eu conseguia parar de ouvir os rolos girando.

Ele voltou a mim então com uma tossezinha seca, como que pedindo desculpa pelo ardor daquilo, e disse somente: «Apúntalo, Pedrito. Todo. Lo dulce también». Anota, Pedrito. Tudo. O doce também.

* * *

Voltou de Olinda reffeito, e a primeira coisa que o engenho lhe punha nas mãos a cada amanhecer, para refazê-lo, era a casa das caldeiras. Se a cama era o único cômodo daquele país onde o calor queria dizer ternura, a casa das caldeiras era o cômodo que o país guardava para o seu outro calor, o calor dentro do qual havia decidido que certos seres humanos existiam para ficar de pé até não poderem mais. Os portu-

gueses que estavam havia muito naquela costa tinham para ela um nome que usavam sem ironia, como um homem nomeia uma ferramenta. Chamavam-na o inferno. Não estavam fazendo poesia; estavam sendo exatos, e todo padre que benzia a safra sabia e benzia assim mesmo, e meu avô levava o livro da safra em letra clara e redonda e veio a entender que era mais um padre daquilo, o escrivão do inferno. Havia um homem na terceira caldeira chamado Cauã, cujo nome próprio não foi assentado em parte alguma, e numa manhã do terceiro mês do meu avô ele simplesmente dobrou e desceu entre as bocas das fornalhas, fervido e parado de uma vez, e foi, disse o feitor, uma misericórdia, porque as caldeiras raramente soltavam um homem tão rápido; e meu avô ficou de pé na luz vermelha e entendeu que ali estava a outra misericórdia do dia, a gêmea do machado, e que ele tinha uma página para ela, e que ia enchê-la: um homem, da terceira caldeira, gasto. Gasto. Ele mesmo escolheu a palavra. Ninguém o obrigou a escolhê-la. De uma mentira poderia ter-se arrependido; a verdade, apenas a deixou escrita.

Aimoré estava na porta, como estava com frequência na porta dos lugares em que meu avô tinha de entrar, sem entrar nunca, e o viu sair da casa das caldeiras com o livro debaixo do braço e a luz vermelha escorrendo do rosto, e não disse nada, porque ti-

nha dito a única coisa que pretendia dizer na primeira noite e não pretendia dizê-la duas vezes, que o engenho era a casa do branco e o caminho lá fora era dele; e meu avô me disse que o não dizer foi a frase mais alta que alguém lhe disse naquele país, um silêncio sustentado no tom exato de um homem que te olha aprendendo o que você é e se recusa a te poupar a lição.

* * *

Há mais uma noite de Olinda que ele me deu inteira, do meio daqueles anos, e a deu porque, dizia, um amor que é só a primeira noite e a última é uma mentira dita duas vezes, e a verdade de uma coisa mora nas suas terças-feiras. Então: uma terça-feira. Ele tomou a pena.

Ela falou naquela noite, depois, coisa que nunca tinha feito. A candeia estava baixa e o mosquiteiro quieto, e ela estava com a cabeça no meu braço e uma perna cruzada sobre mim e me contou, na voz plana que uma mulher guarda para as coisas que deixaram de ser histórias, de onde era: de Viana, no norte de Portugal, onde o rio desce ao mar; um pátio com o jasmim da mãe; um casamento aos dezesseis com um homem de trinta e nove porque as casas queriam a aliança, e a travessia atrás dele, primeiro a Lisboa e depois o oceano inteiro; um menino que enterrou em Lisboa antes do segundo ano dele, e uma menina que

enterrou em Olinda dentro do primeiro. De modo que quando eu a vi naquela primeira noite à luz da candeia, o corpo de uma mulher que amamentou e enterrou, eu estivera lendo uma inscrição sem saber onde ficavam as sepulturas. Disse tudo de olhos secos, e depois me tomou a mão e a pousou no macio do ventre, sobre as marcas de prata que os filhos lhe deixaram na pele, e disse: Isto é o que ficou deles. Toca. E eu toquei, e essa foi a porta da segunda vez, que foi lenta porque a fizemos lenta, de propósito, com a noite inteira estendida adiante como uma costa; ela veio sobre mim rindo de uma coisa que tinha achado, três fios brancos na minha têmpora, e os contou contra o meu ouvido como uma avarenta, três, escrevão, três, e o riso desceu ao beijar e o beijar desceu ao resto, e eu estava outra vez dentro dela, fundo e sem pressa, os quadris dela me aprendendo e os meus aprendendo os dela até que o aprender foi o próprio prazer; e quando a hora dela chegou, chegou calada, um longo estremecimento apertado com a testa dela contra a minha testa e o fôlego dela dentro da minha boca, e quando chegou a minha, um momento depois, ela me segurou o rosto com as duas mãos e me olhou do princípio ao fim, e não me deixou esconder, coisa que ninguém na minha vida tinha feito antes nem fez depois. Depois descemos descalços à cozinha dela e comemos pão com os limões da sua própria taipa, que ela conservava no sal como a mãe fazia em Viana, e ela ficou de pé à janela sem nada no corpo, sem vergonha, o

mar apenas atrás dos telhados, e disse que o jasmim era da mãe e os limões eram da mãe e que uma mulher carregava o seu país em potes de barro. E eu cavalguei para casa no primeiro cinza com sal e limão na boca, e o engenho me recolheu no portão, como sempre, e eu me deixei recolher, como sempre.

Vou pôr uma coisa contra essa noite, porque ele mesmo a pôs ali e a sustentou: o jasmim daqueles potes era regado antes do amanhecer por uma menina de doze anos que a casa possuía, como possuía a corda do poço e as gelosias, e o pão que eles comeram descalços tinha sido moído e assado por mãos que a casa possuía também; não havia cômodo naquele país, nem o da moenda nem o da viúva, em que a coisa não estivesse, e ele soube disso naquela noite, e comeu o pão. Já escrevi duas vezes neste livro que ele comeu o pão, uma numa cozinha do Panamá e outra numa cozinha de Olinda, e quero que as duas fiquem na mesma página e sejam lidas juntas.

Ele não tossiu ao voltar a mim, dessa vez. Ficou calado um tempo, e depois disse: «Los martes, Pedrito. Cuando quieras saber si un hombre amó de verdad, no preguntes por la primera noche ni por la última. Pregunta por los martes». Quando você quiser saber se um homem amou de verdade, não pergunte pela primeira noite nem pela última. Pergunte pelas terças-feiras.

Pela maior parte de dois anos os dois caminhos se sustentaram, o caminho da moenda e o caminho de Violetta, e um homem pode viver muito tempo sobre dois caminhos se nunca deixar que eles se cruzem, e o não deixar virou o verdadeiro trabalho daqueles anos.

Houve um entardecer, no meio daqueles dois anos, que eu assento porque ele o assentou e me fez deixá-lo exatamente onde caiu, e porque é a única coisa da conta brasileira inteira que não é sobre ele. Ele deu com Aimoré na beira da clareira, ao anoitecer, sentado com um menino dos povos da costa, ensinando-o a ler um certo trecho do rio, os nomes dos poços e onde ficava o peixe em que mês, um longo e paciente passar de mão em mão numa língua da qual meu avô não tinha parte; e Aimoré não ergueu os olhos, e não fez aquilo para o homem da beira das árvores, e não sabia nem se importava que o olhassem, porque por uma vez não era ele quem olhava. Meu avô ficou um tempo e depois entrou. Nunca soube o nome do menino e nunca perguntou. Era o entardecer de Aimoré e o menino de Aimoré e o rio de Aimoré, e está neste livro somente como a única página que pertence inteira a ele e em nada ao homem de quem esta conta é.

Então o projeto fracassou, do modo ordinário como fracassam os grandes planos, não por catástrofe e sim por uma falta: os dois capitães normandos que deviam levar o pau-brasil para o norte, sob um contrato que era melhor não mostrar em Lisboa, sendo o pau de tinta monopólio do rei de Portugal e sendo os normandos os homens que o ignoravam, não chegaram em novembro de 1539, e não chegaram, e meu avô esperou cinco meses no cais de Olinda vendo o mar não lhe dar nada, e entendeu por fim que a perda que a carta de 1536 tinha previsto havia chegado na hora marcada, sem pressa, como chegava tudo o que era verdadeiro naquele país.

Assim começaram os quinze meses de fechar o engenho em boa ordem, e foi nesses meses que ele fez a única coisa daquele país inteiro que se permitiu assentar sem a palavra pecado ao lado, e nem a essa ele me deixou chamar expiação. Escreveu oito cartas de alforria. Libertou oito pessoas, com o dinheiro da sociedade e, quando não bastou, com o seu, e entre as oito cuidou, sem uma palavra a Cristóvão, de que o nome de Inhaia fosse assentado primeiro, e o de Potira em segundo; e a carta de Potira custou menos que qualquer uma das oito, e ele me fez assentar por que custou menos, e eu não vou suavizar o que ele não suavizou: a moenda já tinha levado a diferença. Mas eram vinte e um, e treze nunca foram dele para liber-

tar, porque na partilha já tinham ido para o sul, para o engenho do sócio de Lisboa três rios abaixo, e nenhuma carta os seguiu até lá; e ele guardou o número no seu livro privado até o dia em que morreu: oito libertados, treze mandados adiante, e me fez escrever os dois, porque um livro que te desse os oito e não os treze estaria fazendo exatamente o que ele fez, que foi deixar o bem que alcançava valer pelo bem que não alcançava, e chamar a conta de fechada.

Aimoré levou ele mesmo os oito às aldeias da costa, pelos caminhos de dentro que eram dele. Inhaia estava no terreiro na manhã em que ele os levou, e meu avô saiu ao degrau, e ela o olhou uma vez, não muito, com exatamente o olhar plano e sem pressa que o havia medido à beira da água cinco anos antes, um olhar sem agradecimento e sem ódio também, somente a medida cabal e exata do homem do degrau; e depois virou-se para o portão e não tornou a olhá-lo, e ele me disse que aquele não tornar a olhar foi o único pagamento daqueles anos que ele sentiu como justo, porque a liberdade dela, se o papel havia de valer alguma coisa, tinha de incluir a liberdade de nunca mais gastar nele um olhar. Quando tudo estava feito, Aimoré veio à porta do escritório e não parou nela, e disse ao meu avô que o tio dele estava morrendo e a aldeia o havia chamado de volta; e disse a frase que dissera uma vez na primeira fogueira, cinco anos an-

tes, virada pelo grau mais pequeno para a cadência que uma partida exige, a frase que este manuscrito guarda na língua dele e não traduz: *Arerobiáne nde arasy, ko 'arýpe, abá nde rerekoara*. E entrou no mato e não olhou para trás.

E houve a partida de Violetta, e aqui ele tomou a pena outra vez.

Ela soube antes que eu dissesse, pela queda dos meus ombros na porta. Não chorou e não me pediu que ficasse, porque tinha enterrado um marido e sabia a diferença entre um homem que se pode reter e um homem já sobre a água. Tomou-me naquela última noite com uma fereza que era metade luto, dizendo o meu nome e só o meu nome contra o meu ouvido, como para pô-lo num lugar que o mar não alcançasse; e de manhã me pôs na mão uma única flor do limoeiro da taipa, já prensada entre duas folhas de papel, como se a tivesse preparado dias antes, e disse: Para que te lembres do doce e não só do outro. E eu a trouxe comigo, e a trago ainda.

Ele devolveu a pena, e não falou por um tempo, e depois disse somente: «Apúntalo». Anota. E eu anotei. Ele saiu do Brasil carregando uma flor prensada e uma coluna privada de treze nomes, o doce e o outro, no mesmo casaco, contra o mesmo coração, e passou os cinquenta anos seguintes sem conseguir largar nenhum dos dois; e isto, e não o livro de contas e nem sequer o amor, é o homem.

Voltou a Sevilha no verão de 1541 com a flor e os nomes no mesmo casaco, e Catalina tinha catorze anos, e o esperou na escada da casa da calle de Toro, de pé um degrau acima dele, de modo que os olhos dos dois ficassem na mesma altura, coisa que ele entendeu no ato que ela havia disposto. Olhou primeiro as mãos dele, como aos oito. Estavam vazias. E então disse a frase que minha mãe nunca me repetiu inteira e que ele não repetiu a ninguém, da qual tenho só o começo, porque à mesa, trinta anos depois, a voz lhe apagou no meio como se apaga uma vela numa corrente de ar: que um abraço, Padre, é uma coisa que se tem de aprender de novo a cada seis anos, porque o corpo a quem ele é devido já não é o corpo que o esperava, e, e aí a frase se apaga para este livro, e eu deixei o resto na escada, onde os dois o deixaram. Ela tomou o segundo abraço como um contador toma um pagamento à conta de uma dívida velha, exato, inteiro, e sem confundi-lo com o principal; e ele abraçou uma menina de catorze anos que tinha oito da última vez, e foi, ele me disse, a única hora da sua vida em que desejou ser um homem menor do que era, pequeno o bastante para ter ficado.

O caminho correu nos dois sentidos até o último dos seus dias.

PARTE IV: GOA

Goa, 1552–1555

A DÍVIDA COM ANSELMÍ FICOU quitada em fevereiro de 1549, oito anos pagos no dia certo, e um homem que passou oito anos saindo de um poço à força de subir não sabe, dizia meu avô, o que fazer de pé no chão plano lá de cima; o subir tinha virado a forma dos seus dias, e sem ele estava, aos quarenta e nove, um homem com uma conta fechada e nenhuma seguinte. Então, quando Don Sancho serviu o madeira no começo de uma conversa e não no fim, coisa que só fizera uma vez em catorze anos, e nomeou Goa, e um salário grande o bastante para ser afinal o fundo de Salamanca, meu avô entendeu que lhe faziam uma proposta e não lhe mostravam uma conta, e pediu oito dias. Não precisava deles para decidir; a decisão, me disse, já estava tomada, do modo como a maré já está decidida enquanto você

ainda decide descer até ela. Precisava deles para achar as razões da decisão: Catalina casada havia dois anos com Diego Ortiz, o moço, em casa própria, de modo que a partida dele não lhe tiraria nada que o revezamento já não tivesse tirado em vinte anos; as economias que o salário do Oriente arredondaria; e, debaixo dessas, a razão que ele só deu a mim, que era que Mencía lhe havia escrito uma vez que um homem não escolhe a conta que vem depois de uma fechada, «la elige la mañana», quem a escolhe é a manhã, e que ele havia esperado, aquele ano inteiro de chão plano, para ver o que a manhã ia pôr na frente dele, e a manhã pôs Goa.

Mas eu não posso deixá-lo embarcar ainda, porque entre a mão que ele apertou e o navio que tomou falou o próprio império, e ele ouviu, e pôs as duas coisas lado a lado para mim na mesa e depois se recostou e me deixou fazer a aritmética. Naqueles anos a corte reuniu uma junta em Valladolid para ouvir arguir, em forma, com todo o aparato das escolas, se as conquistas das Índias eram justas e se os povos delas podiam ser licitamente compelidos; e as mentes mais finas de Castela se levantaram ao longo de muitos dias e assentaram Aquino fiada sobre fiada, a favor e contra; e meu avô, lendo as relações daquilo na mesa de Anselmi, disse que já conhecia a forma do procedimento, porque o havia registrado uma vez numa

sala capitular do Panamá, quarenta minutos de latim perfeito e o réu trazido num pulso. Só que desta vez nenhum bispo riu, e não houve ata com a sentença de um pássaro, e a junta se dispersou sem julgamento, que é uma coisa que o direito sabe fazer e um papagaio não. E na estação em que ele tomou o navio imprimiu-se na própria Sevilha um livrinho furioso do dominicano Las Casas, uma relação da destruição das Índias numa linguagem que a nenhum escrivão é permitido usar, e Antonio Lourenço o pousou na mesa ao lado do madeira e disse somente: «Menino. Lee esto y dime si el precio sube o baja». Lê isto e me diz se o preço sobe ou desce. Meu avô o leu naquela noite, inteiro, e o meteu na pasta ao lado do Erasmo, e embarcou na sexta-feira. Ele me fez escrever essas três coisas exatamente nessa ordem, leu, guardou, embarcou, e não me deixou pôr nada entre elas, porque disse que tudo o que um homem precisa saber dele está no fato de que nada se pôs entre elas.

A travessia foi meio ano, de Lisboa a Goa pela grande volta do Cabo, e eu tenho o diário dele, onze linhas para cento e oitenta dias, porque um escrivão no mar é um homem sem nada para escriturar; mas ele me contou um dos dias, e eu vou gastá-lo. À altura da costa da Guiné um gajeiro chamado Baltasar, de dezessete anos, de Setúbal, caiu da verga com mar de popa e se quebrou contra o convés e viveu até a tarde;

e o escrivão do navio tinha morrido de câmaras nas ilhas de Cabo Verde, de modo que o mestre desceu pelo convés procurando um homem que soubesse escrever, e achou meu avô na amurada, e não lhe perguntou o ofício, e meu avô não o ofereceu. Escreveu a morte do menino no livro do navio ao ditado do mestre; e depois, porque não havia mais ninguém e ele era o homem mais perto da pena, sentou-se com o veleiro enquanto o veleiro cosia o menino na sua rede com uma bala rasa aos pés e dava, como é costume do mar, o último ponto pelo nariz, que é a misericórdia do veleiro, o machado próprio do mar, o ponto que faz a morte certa antes que o fundo leve o corpo; e meu avô olhou aquilo ser feito e não desviou os olhos, sendo já àquela altura um homem que gastara uma vida aprendendo que alguém tem de ser o que não desvia os olhos. Deram o menino à água ao pôr do sol com um salmo, e ele ficou muito tempo na amurada, e pensou num bispo metido até os joelhos na arrebentação de Nombre de Dios dizendo a um moço de mãos limpas que ele era o homem que estava mais perto da mula; e custou-lhe vinte e sete anos e três oceanos entender que a frase não tinha deixado de ser verdade nem uma só vez em todo esse tempo.

Entrou em Goa na terceira semana de setembro de 1552, a monção saindo do céu em longas cortinas cinzentas e a cidade inteira, de cal e laterita, fumegando, e recebeu-o no cais Don Lourenço Falcão, feitor das cinco casas, um homem-trombeta que apresentava o mundo como uma série de contas a pagar: «A casa Falcão fica aqui, Don Rodrigo; a Anselmi em Sevilha, a Cifuentes em Salamanca, a Almeida em Lisboa, a Ortiz na calle de Compañía. As cinco casas continuam. Embarque». E dizia isso como se um homem fosse apenas a última parada de uma rota de dinheiro, o que, na teologia de Falcão, ele era. E o trabalho para o qual o haviam trazido não era um engenho, e não havia rolos nem caldeiras, e meu avô levou três meses para entender que o haviam posto dentro de uma máquina mais cruel que a moenda no único sentido que importava, que era que a moenda só queria o corpo e esta queria a alma.

Porque o que as contas de Goa registravam, por baixo das especiarias e da areca e dos algodões finos, era um apagamento. Naqueles anos o Estado confiscava as terras dos templos e vertia as suas rendas para a construção de igrejas e o sustento dos homens que as construíam; e os deuses daquela costa, que estavam nos seus lugares desde antes de Castela ser cristã, eram derrubados pedra a pedra ou deixados a morrer de fome das oferendas que a lei agora proibia, e a gente

dos templos era levada, por uma pressão que se chamava a si mesma persuasão e mantinha um soldado à porta, até a pia batismal; e a letra clara e redonda do meu avô era querida para tornar lícitos os confiscos, para inventariar o que um templo derrubado havia tido e contra que conta as suas terras deviam agora ser lançadas, de modo que o apagamento dos deuses de um povo fosse, como tudo o que ele tocou na vida, corretamente documentado.

Vou te levar para dentro de um deles, porque ele me levou, o primeiro que foi dele. Era um templo pequeno, dois rios acima da cidade, não dos grandes, a casa de aldeia de um deus, pedra embaixo e madeira em cima, e a ordem cruzou a mesa dele em outubro do seu primeiro ano com o selo já posto, de modo que o trabalho dele não era decidir nada e sim contar o que o decidir tinha deixado. Subiu de barco com um soldado, um menino da feitoria e um padre. O guardião do templo era um velho que ficou de pé na soleira enquanto eles trabalhavam, no lugar exato e no silêncio exato em que Aimoré ficava nas portas do engenho, e meu avô passou a dois pés dele ao entrar, e não conseguiu olhá-lo, e obrigou-se a olhá-lo, e desejou não ter olhado. Dentro, a lâmpada ainda estava acesa. Essa foi a coisa que ele escolheu me contar primeiro, como havia me contado primeiro o nome de Inhaia: o confisco tinha chegado mais depressa

que a notícia dele, e o óleo da manhã ainda estava na lâmpada, e as flores da manhã ainda estavam aos pés do deus, murchando mas não murchas; e ele ficou de pé no cheiro do óleo e das calêndulas com o livro aberto e contou o que a lei mandava contar: uma imagem do deus, em pedra preta, da altura de uma criança de sete anos; quatro lâmpadas de latão; um sino; um tambor; as terras, tantas palmeiras, tanto arroz, lançadas pelas suas divisas; e no fim da página, porque a forma do instrumento exigia avaliação, o próprio deus, lançado pelo valor da pedra. Escreveu o número. O velho da soleira o viu escrever. E meu avô me disse que, de todos os lançamentos da sua vida, a mulher diminuída em seu valor e o homem da terceira caldeira gasto, o que a mão dele ainda lembrava pelo peso era esse: o dia em que pôs preço num deus pela pedra de que fora talhado, diante do homem cujas manhãs lhe haviam mantido acesa a lâmpada por cinquenta anos.

Ele escreveu. Escreveu o inventário de um deus como, vinte anos antes, havia escrito a perda de uma mulher nos rolos, e achou, de novo, que tinha as palavras, e que as palavras eram, de novo, o pecado, só que maior agora, porque um corpo é uma morte e um deus é a morte de um modo de morrer, o fechar da porta pela qual um povo inteiro sempre havia saído do mundo.

Havia um homem que ele veio a conhecer, e eu quero que você o conheça como meu avô o conheceu, que não foi como uma lição. Foi música primeiro. No segundo mês dele, retido até tarde sobre os livros na casa da feitoria, ouviu pela janela um instrumento para o qual não tinha nome, de arco, próximo de uma voz mas mais próximo de um luto, vindo do pátio da rua dos metaleiros; e saiu, porque o som não o deixava somar, e ficou de pé na beira da luz da candeia enquanto um velho tocava para seis ou sete pessoas sentadas sobre os calcanhares, uma longa raga descendo para o escuro como a água desce para a areia. Voltou na semana seguinte, e na outra, e ficou sempre na mesma beira, e o velho tocava e não o olhou nem uma vez; e na quinta ou sexta semana, sem virar a cabeça, o velho disse, num bom português: «Pode sentar-se, escrivão. A música não fica mais barata de pé». O nome dele era Anand, e era tocador de sarangi, e tinha sido, antes que já não houvesse contas de templo para levar, o guardião das contas de um templo, trinta anos de óleo e flores e rendas de terra em letra clara, um colega, o único homem da Ásia que havia tido o próprio ofício do meu avô do outro lado do muro. Não se fizeram amigos; Anand não permitiu e meu avô não merecia, e os dois sabiam as duas coisas, e o que tiveram em troca foram

duas tardes por mês, sobre os calcanhares num pátio, um tocando e o outro escutando, que era, dizia Anand, a justa divisão do trabalho entre eles, já que os portugueses haviam disposto as coisas de modo que tudo o mais que a gente dele fizesse fosse escrito por outro.

E foi Anand, entendeu por fim meu avô e me disse sem rodeios, o mesmo homem que Aimoré com outra vida vestida, o homem que cada uma das suas colônias lhe pôs no caminho para vê-lo aprender o que ele era; e Anand o via carregar os inventários para fora dos lugares esvaziados com a mesma atenção plana e sem pressa, e ficava, como Aimoré ficava, nas portas que não atravessaria, e disse, uma tarde no caminho da costa quando a luz ia embora, uma coisa na sua própria língua que não traduziu, e que meu avô, que sabia dobrar as letras a qualquer som, confessou que não conseguiu reter o bastante para dobrá-las àquele; de sorte que, das frases que ele tirou dos seus três países, a de Aimoré este livro escreve, e a de Anand ele só pode guardar como uma forma, o que talvez seja o guardar mais verdadeiro dos dois. A glosa que Anand consentiu, no português deles, foi esta: que um templo não é a pedra, que a pedra é o de menos, que podiam derrubar cada pedra da costa e a coisa que a pedra abrigava continuaria abrigada, no corpo, no descer da mão à água de madrugada, na conta

que um povo leva de si mesmo e que nenhum confisco alcança. E meu avô ouviu a rima através dos vinte anos e dos dois mares e entendeu que lhe haviam dito a única coisa verdadeira duas vezes já, em duas línguas, dois homens que ele havia ajudado a roubar, e que ele havia escrito o roubo das duas vezes, porque era para isso, e não para o escutar, que ele servia.

No terceiro ano a cidade recebeu um espetáculo, e ele esteve de pé dentro dele, e eu o ponho aqui porque ele o pôs ao lado do templo no contar e disse: «Apunta las dos casas, Pedrito. Una al lado de la otra». Anota as duas casas, uma ao lado da outra. Na primavera de 1554 o corpo do mestre Francisco Xavier, morto havia dois anos numa ilha defronte da China, foi trazido afinal a Goa, e a cidade o recebeu na água e o levou pelas ruas, e o corpo estava incorrupto, a carne doce, da cor de um homem dormindo, e o povo se apertava para tocar o andor numa multidão em lágrimas e chamou aquilo do que aquilo era para eles, um milagre, o próprio corpo da santidade guardado inteiro por Deus nas latitudes que apodrecem uma vela numa estação. Meu avô esteve de pé naquela multidão, homem cristão, e me disse que não duvidou do milagre, não é essa a confissão; a confissão é que esteve de pé no rugido daquela devoção com a mão do livro doendo e pensou num pequeno deus de pedra dois rios acima, avaliado pelo peso da sua pedra

diante do seu guardião, e entendeu que vivia num império que conservava um corpo incorrupto e inventariava os demais para a demolição, e que as duas coisas eram feitas pela mesma fé na mesma cidade no mesmo ano, e que a própria letra clara e redonda dele era o modo como se fazia a segunda. Voltou da procissão para casa e abriu o seu livro privado e escreveu nele uma linha que me leu à mesa e não me deixou copiar então, e eu estou pronto para copiá-la agora: «Dios guarda un cuerpo y yo taso los demás». Deus guarda um corpo, e eu avalio os demais.

Aqui, e somente aqui, está a diferença sobre a qual gira esta Parte inteira, e ele me fez anotá-la duas vezes, e sublinhá-la uma. Ele tinha ido ao Brasil um homem de trinta e sete anos que ainda não sabia o que era, e a moenda lhe ensinou; e foi a Goa um homem de cinquenta e três que sabia exatamente, que levava a flor de limão prensada e a coluna privada de treze nomes no mesmo casaco como prova do saber, e que leu o livrinho furioso do dominicano numa quinta-feira e embarcou na sexta. O Brasil foi o pecado de um homem que ainda não tinha se encontrado. Goa foi o pecado de um homem que já tinha se encontrado, e apertado a própria mão, e tomado o navio. A segunda vez não é a primeira vez repetida; é uma coisa distinta e mais grave, porque na primeira um homem pode alegar o escuro, e na segunda ele trouxe a

própria lâmpada e escolheu levá-la baixa.

O que ele fez de diferente em Goa, sendo mais velho e levando baixa a própria lâmpada, foi pouco, e ele não me deixou fazer disso mais do que foi. Levou um livro privado mais verdadeiro, os confiscos postos contra o que ele julgava o seu verdadeiro e monstruoso custo, numa letra feita para arquivo nenhum. Recusou-se, quando Falcão o propôs como cortesia a uma casa curiosa de Sevilha, a fazer desenhos dos deuses talhados antes que os derrubassem, como uma vez desenhara as sete figuras da aldeia de Aimoré; tinha aprendido com as sete figuras, dizia, que desenhar uma coisa que você está ajudando a destruir é roubá-la uma segunda vez e chamar o roubo de resgate, e não o faria duas vezes, e essa recusa, esse único não desenhar, foi tudo o que ele trouxe de Goa de que não se envergonhava, e é coisa pobre para pesar contra um apagamento, e ele sabia. Ele me fez escrever que sabia. Catarina Falcão, a filha do feitor, mulher de língua de agulha, disse-lhe na partida, tendo-o observado três anos: «O senhor escuta em duas línguas e cala em quatro, Don Rodrigo. Volte a Castela antes da quinta». E ele voltou.

* * *

Embarcou de volta em 1555 e chegou afinal, no setembro daquele ano, à porta da casa da calle de

Compañía, e quem lhe abriu foi uma mulher de vinte e oito anos com um filho seu agarrado às saias e uma fina pulseira de ouro do Malabar no pulso que estivera nu em todas as versões dele que ela havia construído, e ela olhou primeiro as mãos dele e depois o rosto, como aos oito anos, e disse: «Padre. Aquí estoy. La cuenta intermedia tiene un nieto. Tomo el tercer abrazo». Pai, aqui estou. A conta do meio tem um neto. Tomo o terceiro abraço. O segundo ela havia cobrado aos catorze, na escada que eu já contei, com a frase que se apaga no meio. Não disse em voz alta, desta vez, que número o terceiro deixava por comprar, nem como corria a aritmética agora que ela tinha um filho seu para ser chegado e partido; havia parado de levar a conta em voz alta em algum ponto dos anos de Goa, e tomou o terceiro abraço como uma mulher feita toma uma dívida paga tarde e na moeda errada, com os dois braços e sem perdão, que as duas coisas não são a mesma, e meu avô ficou na soleira, um homem voltado e culpado, e foi, pelo comprimento daquele abraço, perdoado em nada e abraçado assim mesmo, que é, eu vim a pensar, o único tipo de regresso que a conta permite, e mais do que ele tinha direito, e ele sabia disso também. Ela me contou a aritmética uma vez, anos depois, na cozinha, e a ele nunca contou: «Las cartas llegaban. Los abrazos había que ir a buscarlos, y a veces el barco tardaba

veinticuatro años». As cartas chegavam. Os abraços era preciso ir buscar, e às vezes o navio levava vinte e quatro anos. Não havia livro em que lançar a resposta, e ela não pediu nenhum.

PARTE V: SALAMANCA

Salamanca, 1555–1567

MENCÍA VINHA ARMANDO UM REENCONTRO havia vinte e quatro anos, com paciência, contra a relutância notarial dele e a dela própria, e o trouxe a ser afinal no outono de 1555, na casa da calle de Toro, e eu tenho só a forma daquilo, porque é a única tarde da vida dele sobre a qual meu avô não quis me dizer nada, salvo que aconteceu e que ele não se arrependia. Ele tinha cinquenta e seis anos e ela sessenta e seis, e a cascata que ele ouvira do outro extremo de uma casa em 1516 tinha virado, dizia ele, um fio de água fino e claro sobre as pedras, mais calado, porém a mesma água. Sentaram-se uma tarde longa e não disseram, ele me contou, quase nada, porque a carta de 1535 já tinha dito a coisa para a qual não existe segundo dizer, e o que resta a dois velhos que já trocaram a única coisa indizível é

somente o enorme e suficiente fato do rosto do outro do lado de lá do quarto, vivo, e tendo durado. Ela morreu seis meses depois, em março de 1556, e entre as coisas dela Catalina achou, dentro de um exemplar da Menina e moça de Bernardim Ribeiro, uma carta que Mencía havia preparado e não mandado, e ela não está neste livro e o paradeiro dela não está neste livro, segundo o modelo do livro a que serve; direi somente que meu avô a leu uma vez e não a leu em voz alta, e que ela foi com ele até a mesa de escrever da calle del Tostado e é uma das quatro que ele guardou ali, e que, fosse o que fosse que ela esperou uma vida inteira para lhe escrever, ele julgou digno de guardar e indigno de mostrar, e eu honrei o julgamento, porque um homem que te contou tudo o mais ganhou o direito de guardar uma porta.

Casou-se no outono de 1559, e o casamento é um dos triunfos calados da vida dele e o que mais trabalho me dá contar, porque nele não acontece nada, e é nisso, precisamente, que ele consiste. Foi Catalina quem o armou, tendo decidido que o pai não devia acabar sozinho num quarto alugado; e a mulher era doña Isabel de Cifuentes y Robles, viúva de cinquenta e dois anos, de fala rasa e subestimada por todos os que a tratavam uma vez, incluído, por uma estação, meu avô, que precisou dessa estação para entender que a lisura dela não era simpleza e sim a enorme

economia de uma pessoa que já classificou o mundo entre o que importa e o que não importa e se recusa a gastar fôlego com o segundo. Ela propôs os termos da vida deles num discurso de cláusulas numeradas, e à segunda cláusula meu avô já estava, dizia ele, resignado e contente; tomou na casa dela a escrivanhinha que fora do defunto marido, don Francisco, à qual don Francisco se sentara os quinze meses do casamento sem dizer nada de que ela alguma vez se desse ao trabalho de lembrar, de modo que era, disse-lhe ela, uma cadeira de capacidade por usar, e ele se pôs a usar a capacidade pelos oito anos que restavam. Não puseram o casamento em documento nenhum além do que a Igreja exigia, e este livro tampouco porá; havia ternura nele e havia a funda folga de duas pessoas passadas da idade das aparências, e houve o dia em que ela lhe deu, sem cerimônia, a pequena sineta de bronze que fora da mãe dela e havia chamado três gerações à merenda, a pequena refeição do fim da tarde, às quatro e meia, e isso é tudo o que me é permitido dizer, porque é tudo o que ele me disse, e porque ele me ensinou quais coisas um homem conta e quais somente guarda.

A casa veio para a calle del Tostado: Isabel, e a cozinheira Engracia Téllez, que respondia a cada luto e a cada alegria daquela casa com a mesma palavra seca e rasa e era amada por isso; e Brasil, o gato, que che-

gou num cesto à porta da cozinha em 1558 e se fez a autoridade da casa em matéria de frango que sobrou e não derramava a tinta, embora tenha deixado, uma vez, na margem úmida de um contrato de venda, a marca de uma única pata, e meu avô a olhou um longo momento e depois arquivou o contrato tal como estava, sem corrigir, no protocolo de um escrivão de Salamanca, onde segue até hoje, a única assinatura em cinquenta anos de instrumentos que ele admitiu ao registro sem poderes; e o jasmim que Isabel mantinha num pote de barro na janela do quarto de escrever, pelo princípio dela de que cheiro é mobília de uma casa e não luxo. Meu avô, que reparava em tudo, não reparou no jasmim nem uma vez em oito anos; e eu não entendi aquele silêncio até ter escrito a Parte III deste livro, e então o entendi por inteiro, e o deixei na guarda dele, onde ela, creio, sabendo ou não, o havia posto. Ela escutava à porta das quartas-feiras. Ele a encontrou, seis vezes nos dois anos que duraram, descendo sem se anunciar, no segundo degrau de cima, com o ar composto de uma mulher que estava havia um quarto de hora a caminho de descer; e ele nunca nomeou aquilo, e ela nunca explicou, e eu a pus nessa porta neste livro de propósito, porque ela não se poria em parte alguma, e uma mulher que guarda um quarto do segundo degrau de cima ganhou um lançamento na conta em que se recusou a

aparecer. E eu vinha, nas tardes de quarta-feira, desde o ano em que fiz doze, porque minha mãe, Catalina, subiu a escada numa manhã de outubro e disse ao pai dela que Diego me ensinava aritmética e latim e ela me ensinava o que uma cozinha ensina, e que faltava uma terceira coisa, e que ela me mandaria às quartas-feiras, e ele me ensinaria, e o que ele ensinasse era assunto dele e o que eu aprendesse seria dela conferir. Ele não me ensinou nada naquela primeira quarta-feira. Pousou o contrato que estava lavrando e disse: «Pedrito. Hoy no. Hoy te cuento». Hoje não. Hoje eu te conto. E começou: «El gato, habiendo comido carne toda su vida, decidió hacerse vegetariano. Ése fui yo». O gato, tendo comido carne a vida inteira, decidiu virar vegetariano. Esse fui eu. E eu molhei a pena, com doze anos, e não entendi que me haviam posto nas mãos uma vida para guardar, e a guardei, quarta-feira após quarta-feira, por dois anos, e a guardo ainda.

Nem toda quarta-feira era ditado. Algumas ele gastava me ensinando o ofício da mão: como cortar uma pena em viés esquerdo para uma letra redonda, como pautar uma página com ponta seca, como dobrar as letras a um som como a mãe dele lhe ensinara nos joelhos, em Sevilha, de modo que aquilo que uma mulher escravizada das ilhas descobriu sozinha, contra as escolas de dois continentes, desceu, numa mesa

de noqueira de Salamanca, a uma terceira geração, e eu usei isso a vida inteira. A própria mão dele já o ia deixando, a direita primeiro, a linha começando a vacilar onde por quarenta anos fora um pequeno prodígio do ofício, e ele bebia o chocolate com as duas mãos em volta da xícara, como um homem que se esquentava nela, e nunca disse nada sobre nada disso, e eu tampouco. Sobre a mesa, entre nós dois, havia um pequeno estojo de esmalte branco que ele mantinha vazio, e quando uma vez perguntei para que era, ele disse: «Para la pluma que acabe el libro». Para a pena que acabar o livro. E havia tardes, lendo de volta para ele as páginas do dia, em que eu não sabia, e nem sempre sei agora, quais frases tinham saído da boca dele e quais da minha mão; e eu disse isso uma vez, perturbado, e ele ficou calado um momento, e depois disse que isso não era um defeito do registro. Era o registro.

* * *

A última quarta-feira foi dois de outubro de 1567. Ele ditou o fecho de um capítulo e depois disse: «Pedrito. Apunta esto. El próximo capítulo es el de mi muerte. No lo voy a dictar entero. Lo dictaré hasta la palabra que falta. Esa palabra la pondrás tú, o no la pondrás. Tú decides». Anota isto. O próximo capítulo é o da minha morte. Não vou ditá-lo inteiro.

Vou ditá-lo até a palavra que falta. Essa palavra você a porá, ou não a porá. Você decide. E parou ali, uma palavra antes do fim, de propósito, e tomou a própria pena, a boa, de junto ao tinteiro, e a deitou no estojo de esmalte, e fechou a tampa; e eu tinha catorze anos, e não sabia que o parar era, ele mesmo, a última coisa que ele tinha para me ensinar, que era que uma conta honesta termina na borda do que o homem que a leva tem o direito de dizer, e nem uma palavra além.

* * *

Morreu à primeira luz, às seis e quinze, no dia nove de outubro de 1567, do catarro de peito do outono na sua última fase, com doña Isabel à cabeceira e Engracia na porta da cozinha e Brasil aos pés da cama, e na última hora não falou, mas escutou, e o que ele escutou, ao longo daqueles sete dias finais, minha mãe me disse e eu acredito, foram as frases que carregou a vida inteira e nunca aprendeu: a de Aimoré na boca do caminho; a de Anand no caminho da costa; e o provérbio tupi de uma mulher chamada Paraguaçu, encontrada uma vez na grade de um jardim, guardado no português em que ela o deu e nunca na vida dele traduzido, e que chega agora ao leitor sem tradução e, mesmo assim, na sua própria língua: Quem planta, planta para quem colhe. As frases voltaram a ele nas línguas delas, e desta vez, disse minha

mãe, ele não fingiu segui-las; somente escutou, do modo como escuta aquele que está de partida; tinham-no chamado uma vez, naquela primeira costa, o que ouve, e ele morreu ouvindo o que nunca lhe foi dado entender. A voz do narrador, que fora a dele ao longo daquelas oitenta e seis quartas-feiras, fechou-se às seis e quinze daquela manhã, uma palavra antes do fim. A manhã não pôs a palavra.

E doña Isabel, que não chorou, sentou-se naquela manhã à mesa de escrever, com a Adagia que fora dele por trinta anos no lugar onde estava desde o casamento, com as quatro cartas na disposição que ele construía ao longo de uma vida, e fez a coisa que havia decidido à cabeceira, que pertence à coda e à minha mão agora e não à dele; e eu, com catorze anos e chamado às nove e meia, subi à calle del Tostado ao meio-dia e meia e fiquei de pé na porta do quarto de escrever e não chorei, e olhei a mesa, a cadeira, o estojo de esmalte já não vazio, o gato na janela do outro lado do patamar, e disse a única coisa verdadeira que eu tinha: «Doña Isabel. El dictado terminó la semana pasada, una palabra antes del final. Esa palabra la llevo yo ahora». O ditado terminou na semana passada, uma palavra antes do fim. Essa palavra agora sou eu que a carrego. E ela disse: «Apuntado». Anotado. E me disse que as quatro cartas não seriam abertas nunca mais, e que a merenda seria servida no dia seguinte

às quatro e meia, e que eu fosse para casa com meu pai porque minha mãe estava esperando; e eu fui, carregando uma palavra que não poria no papel por trinta e cinco anos, que é toda a matéria do que resta.

PARTE VI: A CODA

Salamanca, 1602–1604

TOMEI A CODA A MIM no dia dois de outubro de 1602, no mesmo quarto alto do sul, à mesa onde estivera a Adagia, um homem velho de quarenta e nove anos escrevendo o fim da conta de um homem velho de sessenta e oito, e não vou fingir que os trinta e cinco anos no meio estiveram vazios, embora este livro só tenha lugar para o que eles deixaram sobre a mesa. Doña Isabel guardou o quarto intacto por dezessete anos de uma segunda viuvez, e minha mãe o guarda pelos dezoito anos desde então, e eu já me sentei nele tempo bastante para saber que um quarto que uma família se recusa a mudar é uma família que ainda leva uma conta que não decidiu como fechar. O mundo não ficou parado em volta do quarto. Em 1580 as próprias coroas fecharam uma conta, e Portugal ficou sob o rei de Castela, de modo que as

duas línguas da vida do meu avô, aquela em que ele levava os seus livros e aquela em que o seu pecado foi acolhido, acordaram uma manhã com um único senhor; e quando minha mãe queimou os papéis do engenho, quatro anos depois, eles arderam sob um monarca que era dono da moenda e do livro de contas por igual. E no ano da grande armada contra a Inglaterra, quando a cidade inteira falava do mar, esta família, que havia dado ao mar um escrivão por trinta anos, não falou dele em absoluto; a merenda foi servida às quatro e meia, e nós não falamos do mar. Minha filha mais nova, que tem nove anos, parou à porta deste quarto na primavera e me perguntou o que eu escrevo, e eu lhe disse: a conta do bisavô dela. Ela perguntou se ele era bom. Eu disse que ele foi amado. Ela considerou isso do jeito que a avó dela, Catalina, teria considerado, e disse que não era isso que ela havia perguntado, e desceu para o jantar; e esta coda é para a pergunta dela, que ela faz bem em deixar aberta.

Doña Isabel morreu em janeiro de 1584, e morreu como viveu, em cláusulas numeradas, ditando as suas disposições à minha mãe comigo à porta, o livro privado da casa fechado certo até o fim: a cozinha, que continuasse; o de minha mãe, que ela recebesse; o meu, que eu testemunhasse. E ela havia deixado uma instrução selada, e foi essa que minha mãe cumpriu

no enterro, sem dizer a ninguém, armando tudo de antemão como Isabel armava tudo: que a carta que Mencía preparou e meu avô guardou e nunca leu em voz alta voltasse à terra, mas não com ele. Com ela. Com Isabel. «La cuenta se cierra así», a conta se fecha assim, me disse minha mãe junto à sepultura, e eu levei anos sem entender e agora acho que entendo: que uma esposa que dividiu a casa com o fantasma da carta não mandada de outra mulher por oito anos, e por uma viuvez de dezessete, decidiu, com a enorme justiça rasa que era o caráter dela inteiro, que a carta já havia esperado bastante na luz, e que ela mesma a levaria para baixo, e devolveria o descanso à primeira doçura, e deixaria meu avô à água funda que não tinha carta porque nunca precisou de nenhuma. Vim a pensar que é o ato mais misericordioso desta conta inteira, e o fez a mulher que a conta quase esqueceu de mencionar, o que é a confissão da conta de que ela nem sempre sabe onde mora a sua própria misericórdia.

E houve a queima. Em fevereiro de 1584, por uma segunda instrução selada, minha mãe levou os papéis do engenho da arca de cedro ao braseiro da cozinha e os queimou, e me fez ficar de pé com ela, e disse a única frase que se permitiu sobre a chama e me fez prometer não repetir, e eu guardei, e vou guardar aqui também, dizendo-te somente que não foi maldi-

ção nem oração e sim um fechamento, e que, quando a última das páginas se foi, ela disse, na sua voz de todos os dias: «La cocina sigue». A cozinha continua. E pôs a merenda para as quatro e meia, e a merenda foi servida.

* * *

Mas ela não queimou tudo, porque não podia; o pior não era dela para queimar. No dia sete de outubro de 1602, três semanas antes de eu começar esta coda, eu mesmo fui à arca de cedro e levantei o fundo falso que meu avô me mostrou uma vez, no último ano, sem uma palavra, só um olhar; e debaixo havia uma bolsa de couro, e na bolsa as oito cartas de alforria na letra dele, cada vez mais apertada, as oito que ele libertou, e dobrada com elas, na mesma letra, uma única folha que não era instrumento legal nenhum: uma lista de treze nomes, e sob os nomes a única palavra engenho, e sob ela quatro linhas que eu nunca lhe ouvi dizer e que agora carrego como carrego a outra palavra: «No me juzguen por los ocho que alcancé. No me absuelvan por ellos tampoco. Quien lleve esta cuenta después de mí, lleve a los trece en ella, siempre, sin tchar. El día que los trece salgan del libro, el libro será mentira». Não me julguem pelos oito que alcancei. Não me absolvam por eles tampouco. Quem levar esta conta depois de mim, leve os

treze nela, sempre, sem riscar. No dia em que os treze saírem do livro, o livro será mentira. Então eu os guardei. Eles vão com esta coda, na folha dele mesma, dobrada onde ele a dobrou: os treze, com os seus nomes, que ele guardou quando tudo o mais daquele país era cinza. Inhaia não está entre eles, porque Inhaia foi a primeira das oito. E aqui você vai procurar os nomes, leitor, e eu não vou imprimi-los, e te devo a razão, porque não é pudor e não é esquecimento. Meu avô recusou-se uma vez, em Goa, a desenhar os deuses que ajudava a derrubar, porque desenhar uma coisa que você está destruindo é roubá-la uma segunda vez e chamar o roubo de resgate; e pôr treze nomes num livro, para que estranhos sintam alguma coisa sobre eles durante o jantar, seria o mesmo roubo com letra mais fina. Eles não são peças de exposição. Estão guardados, e quem chegar a eles há de chegar como eu cheguei, como herdeiro e não como plateia. A conta os sustém. O livro não os exhibe. Ele passou a vida aprendendo que a omissão é às vezes a acusação e às vezes a misericórdia, e que só o amor sabe dizer qual; e desta, afinal, eu sei dizer qual é.

E esse é o trabalho que esta coda me deixa, e o trabalho que eu decidi, aos quarenta e nove anos, como quitar. Meu avô parou a conta uma palavra antes do fim, de propósito, e disse a um menino de catorze anos que a palavra era dele para pôr ou para calar. Eu

a carreguei por trinta e cinco anos. É uma única palavra em castelhano, e começa pela primeira letra do alfabeto, e eu sei desde os catorze qual é, e não vou escrevê-la. Não porque eu não a saiba, e não porque fosse falsa, mas porque ele não a escreveu, e porque a uma edição, a um neto, a uma conta, não se deve mais do que o próprio homem estava disposto a dar, e ele deu tudo até essa palavra e parou, e o parar foi a última coisa honesta que a mão dele fez, e não serei eu quem converta a honestidade dele numa confissão que ele se recusou a assinar. A conta fica aberta. Ele a deixou aberta para mim, e eu a deixo aberta para você. Porta fechada é mentira sobre os mortos; porta aberta é a única verdade em que nos é permitido guardá-los.

Escrevi-lhe uma carta, naquele nove de outubro de 1602, trigésimo quinto aniversário da morte dele, e a pus na Adagia, na página onde estão as quatro cartas, e tampouco vou reproduzi-la, tendo aprendido com ele quais cartas se leem em voz alta e quais somente se guardam. O maço foi para León na remessa de 1604, ao arquivo diocesano, esperar por quem o abrisse e guardasse os treze e honrasse a flor e deixasse a palavra em paz; e esperou, e foi achado, e você tem nas mãos o que ele guardava. «Cuenta cerrada con cariño», conta fechada com carinho, e a me-renda às quatro e meia, e nenhuma outra conta aberta

no lugar desta. A cozinha continua. Continua sempre.

E então eu me sentei, como ele me ensinou a sentar, até que a luz se fôsse; e quero te contar como terminou, porque você teve paciência, e porque ele me ensinou que à paciência se deve uma recompensa e que a recompensa nunca é a absolvição, que não é nossa para dar, mas é às vezes a paz, que é.

* * *

O quarto foi se dourando, como se doura esse quarto quando o ano entra na própria tarde, a luz entrando pelas gelosias no ângulo que nunca o favoreceu e que já não fingia favorecê-lo. Minha mãe estava na cozinha embaixo, e eu a ouvia, e a Engracita atrás dela, que é filha de Engracia e guarda a cozinha da mãe e a mesma palavra seca e rasa da mãe, as panelas e a conversa baixa, a cozinha continuando como Tomasa prometera ao cadáver de um governador que ela continuaria; e o lugar à esquerda do tinteiro estava vazio, onde Brasil fizera a sua guarda, e vazio estava havia trinta e um anos, e eu olhei o lugar vazio e entendi que tinha feito as minhas pazes, não com o que meu avô fez, que não é meu para fazer as pazes e que eu deixei de pé neste livro sem perdão e sem risco por cima, os treze e os deuses apagados e a palavra com que ele pôs preço na vida de uma mulher; mas com

ele, o homem, meu avô, que fez aquelas coisas e também talhou uma cruz malfeita para uma desconhecida ao longo de três tardes e libertou os oito e guardou a flor e ensinou a um menino que um documento pode sustentar duas verdades sem escolher, e que amou, e foi amado, e não podia ser somado, porque ninguém pode, porque a conta não tem coluna em que um homem feche, e nunca foi feita para ter. Eu passei trinta e cinco anos acreditando que tinha de escolher entre amá-lo e dizer a verdade sobre ele, e naquele quarto dourado entendi que o escolher era o erro, que tudo o que ele me ensinou ao longo de oitenta e seis quartas-feiras era que se guardam as duas coisas, o terror e o pão, na mesma página, sem riscar, e não se reconciliam, e não se deixa de pôr a mesa.

Jantei. Subi às dez e meia com a vela e pus o último capítulo à direita do estojo de escrever, na ordem da escritura, os dois-pontos no último lugar da última página, a palavra deixada onde ele a deixou. Olhei o lugar vazio junto ao tinteiro. «La palabra queda», eu disse, em voz alta, ao quarto vazio. A palavra fica. E então fiz a única coisa que restava fazer, o que ele fazia no fim de cada uma daquelas tardes de quarta-feira antes da última, aquilo para o que a conta inteira tinha vindo caminhando, como o caminho o caminhou a ele entre o engenho e a cama.

Apagou a vela.